

Conceitos e metodologias da Análise Crítica da Narrativa para pesquisa qualitativa em Design: um relato de identidade profissional de um designer editorial

Critical Narrative Analysis' concepts and methodologies for qualitative research in Design: a report of an editorial designer's professional identity

Bruna S. Saddy, Jackeline L. Farbiarz, Ricardo Artur P. Carvalho

Análise da narrativa; Metodologia; Identidade profissional; Interação; Interdisciplinaridade.

O presente artigo apresenta uma revisão bibliográfica narrativa que visa cobrir os principais conceitos e autores seminais da abordagem teórico-metodológica da análise crítica da narrativa, tais como Labov (1967, 1972, 2011), Goffman (1974, 1980, 1998), Bastos e Biar (2015, 2018). O trabalho apresenta a narrativa como uma prática discursivo-interacional social e situada, que organiza a experiência humana e constrói sentidos culturalmente relevantes. Apresenta a análise crítica da narrativa como um arcabouço de conceitos e metodologias que podem auxiliar pesquisadores de diversas áreas a compreender e captar, pelo micro e individual, percepções e posições ideológicas do contexto macro social. Em seguida, é apresentada uma sucinta exemplificação prática de análise segundo a análise crítica da narrativa dos conceitos abordados em uma narrativa produzida por um designer editorial em uma rede social na ocasião do falecimento de um colega de profissão, com foco na performance de identidade profissional. Nesta análise, é observado que pela maneira de construção de texto, caracterização de personagens e eventos, que existe na fala do narrador, um entendimento de que o design editorial é uma profissão mal compreendida e pouco valorizada pela mídia e pelos editores.

Narrative Analysis; Methodology; Professional identity; Interaction; Interdisciplinarity.

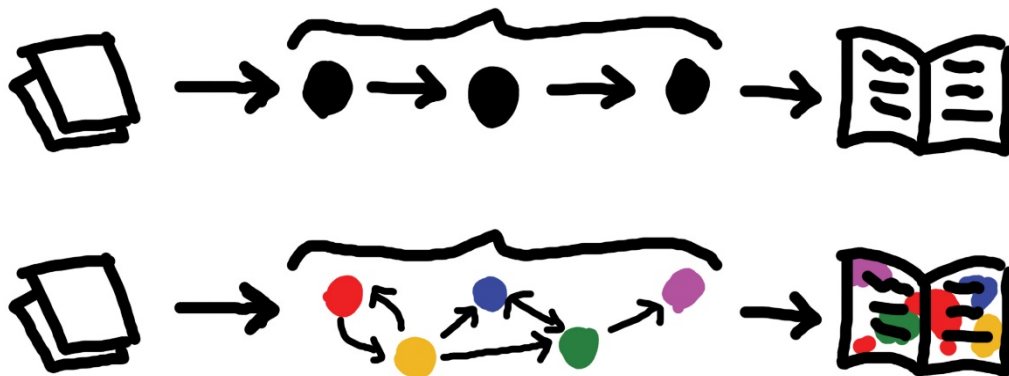
This article presents a narrative bibliographic review that aims to cover the seminal principles and authors of the theoretical-methodological approach to critical narrative analysis, such as Labov (1967, 1972, 2011), Goffman (1974, 1980, 1998), Bastos and Biar (2015, 2018). The work presents a narrative as a social and situated discursive-interactional practice, which organizes human experience and builds culturally relevant meanings. It presents a critical analysis of the narrative as a framework of concepts and methodologies that can help researchers from different areas to understand and capture, by the micro and individual, perceptions and ideological positions of the macro social context. Then, a brief practical example of analysis is presented according to the critical analysis of the narrative of specific concepts in a narrative, by an editorial designer on a social network at the time of the death of a professional colleague, focusing on the performance of professional identity. In this analysis, it is observed that due to the way of text construction, characterization of characters and events, which exists in the narrator's speech, an understanding that editorial design is a poorly understood profession and little valued by the media and editors.

1 Introdução

Este artigo procura apresentar a abordagem teórico-metodológica da análise crítica da narrativa (ACN) enquanto se debruça sobre o problema da percepção do designer sobre sua identidade profissional. Tendo esta natureza dupla, seu objetivo é o de discorrer sobre os principais conceitos e técnicas de tal abordagem, demonstrar suas aplicações em um exemplo prático e, neste caso, demonstrar o resultado do que pode ser apreendido da visão de mundo de um designer no que tange a valorização e ao entendimento do campo do design e seus profissionais. Os autores acreditam que o presente trabalho pode contribuir para a área do Design da Informação porque a ACN é uma aproximação qualitativa do discurso com uma metodologia que pode ajudar designers a compreender melhor questões informacionais dos destinatários (falantes, colaboradores, clientes, público-alvo etc.) e, assim, viabilizar uma melhor capacidade de comunicação nas mensagens expressas em produtos de design e, especialmente, de compreensão das mensagens recebidas.

Em relação ao caso que apresentamos, no processo que caracteriza a produção de um livro, entre outras questões, devem ser considerados diversos aspectos do público leitor alvo que lhe definem, para além de somente um potencial consumidor, como um ser humano complexo e rico em subjetividades. No entanto, é preciso atentar para que não se caia numa visão simplista e reducionista que pode não inserir o próprio profissional que participa da produção no quadro de avaliação (no caso editorial, tais como escritores, editores, designers, revisores, etc), enquanto um ser humano também complexo e cheio de subjetividades (FINDELLI, 1994).

Figura 1 – Comparação esquemática entre uma visão simplista de um processo produtivo editorial e uma visão que leve em conta as subjetividades, percepções, contribuições e relações, como proposto pelo conceito de Múltiplas Autoriais (FARBIARZ, 2008). Fonte: Autoria própria.



Segundo Farbiarz (2008), com o conceito de Múltiplas Autorias, cada um dos profissionais envolvidos na produção do objeto livro é um de seus autores, isto é, uma das pessoas responsáveis pela sua significação. Portanto, as percepções do indivíduo que é o profissional envolvido com o meio editorial sobre seu trabalho, seus processos, suas atribuições e competências enquanto classe profissional, isto é, sua visão de *identidade profissional*, podem

influir no modo que este compreende seu poder de agência sobre determinado projeto, como ele executa suas atividades e se relaciona com outros agentes produtivos editoriais.

Consideramos que design é “uma atividade através da qual não se busca apenas a representação da estrutura de um objeto a ser criado, mas também um plano de ação para criá-lo (...)” (COUTO; NEVES, 1997, p.57), ou seja, é uma atividade projetual que se ocupa não somente do objeto concluído, mas de todo o percurso criativo e metodológico que se atravessa para se alcançar este “destino final”. Indo ao encontro desta abordagem de valorização de desenvolvimento, segundo Godoy (1995), “Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados ou produto” (*ibid*, p. 63). Sob o termo guarda-chuva de pesquisa qualitativa encontram-se variados tipos de investigação que sempre têm em comum como sua questão fundamental o estudo do mundo empírico em seu ambiente natural, procurando usar sua descrição (adquirida por meios diversos como anotações em campo, gravações, cartas etc) tanto como forma de coleta de dados quanto para sua análise, sempre admitindo a própria pessoa do pesquisador (com sua inexorável subjetividade) como um instrumento de pesquisa (*ibid*).

Também neste mesmo sentido de profundo interesse nos “caminhos”, nos processos, nos modos de construção de seus objetos de análise, do entender e representar, a ACN tem como seu principal objeto as narrativas (grandes e pequenas, ficcionais ou mundanas) produzidas pelos indivíduos e, especificamente, *como* elas são contadas (MUYLAERT et al., 2014). Diversas áreas do saber como educação, história, medicina, psicologia e direito já contam com estudos que estabelecem as narrativas como seu objeto de pesquisa e a análise da narrativa como seu instrumental teórico-metodológico (BASTOS, BIAR, 2015).

Pensando nestas vocações de processo e em alteridade, o presente artigo objetiva apresentar a visão trazida pela ACN como uma possível ferramenta metodológica para a pesquisa qualitativa em design porque:

Contando histórias, os indivíduos organizam suas experiências de vida e constroem sentido sobre si mesmos; analisando histórias, podemos alcançar e aprofundar inteligibilidades sobre o que acontece na vida social. (BASTOS, BIAR, 2015, p. 98).

Ou seja, observando como narradores e personagens são construídos nas histórias é possível elaborar articulações do contexto micro e individual, com o contexto macrossocial, histórico e cultural (*ibid*, p. 109).

Este trabalho pretende fornecer um humilde “guia de entrada” à ACN, introduzir aos leitores e pesquisadores alguns de seus conceitos chave mais relevantes para a pesquisa qualitativa em design, mas não pretende de maneira alguma esgotar o assunto.

2 Principais conceitos da Análise da Narrativa

Segundo Farbiarz e Novaes (2014), as reflexões e estudos da linguagem, da fala e da comunicação tem menções documentadas desde 4000 a.C, com a gramática babilônica cujo uso pretendido era em contextos legais e religiosos. Na Antiguidade, com a Retórica grega,

dedicavam-se estudos à estrutura do enunciado, para tratar do juízo, do convencimento pelo pensamento lógico. Diversos autores e obras, se debruçam sobre a linguagem, tentando organizá-la, sistematizá-la e refletir sobre ela.

A disciplina dos estudos da linguagem chega à forma e a força acadêmica que tem atualmente a partir da década de 1970, quando o campo passa a deixar de considerar o “discurso” como uma manifestação individual e assistemática, e passa a considerá-lo como uma *construção social*, como “o lugar onde se manifesta o sujeito da enunciação e onde se pode recuperar as relações entre o texto e o contexto sócio-histórico que o produziu” (Gregolin, 1995., p. 17).

De acordo com Bastos e Biar (2015), a ACN se beneficia das pesquisas desenvolvidas em diversas áreas dos estudos da linguagem, embora não exista uma identificação plena, o que justifica uma abordagem teórico-metodológica diversa. Os principais referenciais teóricos do artigo são alguns dos basilares da ACN tais como Labov (1967, 1972, 2011) e Goffman (1974, 1980, 1998), bem como autoras nacionais e contemporâneas como Bastos e Biar (2015, 2018). Justamente os conceitos destes servem para apresentar a perspectiva teórico-metodológica da ACN.

As publicações e pesquisas do linguista americano William Labov (Labov e Waletzky, 1967; Labov, 1972) são consideradas o marco inicial para o enfoque da linguística aplicada contemporânea nas narrativas. O que ficou conhecido como *modelo laboviano*, ou modelo canônico de narrativa, propõe alguns termos de vocabulário, identificação e classificação que são amplamente utilizados como base para o trabalho dos demais estudiosos da narrativa, inclusive aqueles que pretendem revisá-lo, ampliá-lo ou, ainda, criticá-lo. Segundo o autor:

O estudo da narrativa se debruça sobre um extenso escopo de atividades humanas: livros, contos, poesia e prosa épica, filmes, contos populares, entrevistas, memórias orais, crônicas, histórias, tiras cômicas, revistas em quadrinhos e outras mídias visuais. (LABOV, 2011, p. 546) (tradução própria)

O linguista define narrativa como uma maneira de recontar eventos passados, em orações independentes, na qual a ordem destas coincide necessariamente com a ordem dos eventos tais como eles ocorreram. Esse sentido que se faz ao ligar os dois (ou mais) eventos nos auxilia a aumentar nossa compreensão sobre eles (Polkinghorne, 1988). Desta maneira, a narrativa é “compreendida como a forma básica de organização da experiência humana” (BASTOS, 2008, p. 77).

Segundo o modelo laboviano canônico, uma narrativa possui a seguinte estrutura (LABOV, 2011) (BASTOS, BIAR, 2015):

- **Sumário:** Uma introdução do assunto e da razão pela qual a história é contada.
- **Orientação:** Apresentação e identificação dos personagens da ação, do tempo, do cenário e do contexto de ação original, necessárias à contextualização dos eventos principais relatados na ação complicadora.
- **Ação complicadora:** A corrente de ações de consequências que levam ao evento mais relevante da história, ao seu ápice. Este é o elemento fundamental para a caracterização de uma narrativa.

- **Avaliação:** Explicitação de juízos, pensamentos e opiniões do narrador. Pode ser uma afirmação explícita do autor, que suspende temporariamente o fluxo da narrativa, como um parêntese, sobre como ele se sentiu no momento; ou ter com meio estratégico um pouco mais sutil, por meio de recursos expressivos que não interrompem o fluxo narrativo, mas inserem dramaticidade e indicam pistas de como os acontecimentos devem ser entendidos.
- **Resultado:** Revelação do desfecho da narrativa.
- **Coda:** Ao final de uma narrativa, é comum que o enunciador termine com uma declaração que retoma o tempo presente, avaliando os efeitos da estória.

Segundo o modelo canônico é necessário que a narrativa seja uma recapitulação, isto é, que recontе eventos que já se sucederam, com verbos tensionados no pretérito e que esses eventos correspondam ao que, de fato, aconteceu, na ordem que aconteceu. Embora o modelo seja seminal, existem críticas a sua negligência de narrativas divergentes das canônicas, como histórias hipotéticas, projetadas para o futuro, colhidas em meios espontâneos, narradas em grupo e à correspondência entre evento narrado e o evento ocorrido, sem uma atenção especial à subjetividade, à emoção e à ficção. Muitos autores desde então tentam refletir sobre essas questões e ampliar o conceito de narrativa, bem como suas possíveis formas de análise.

De maneira geral, o *critério mínimo* para um texto ser considerado uma narrativa é a presença de *pelo menos* dois eventos em sequência temporal. Por sua grande diversidade, podem, ou não, apresentar todos os elementos de estrutura de narrativa elencados por Labov (sendo a ação complicadora o único considerado essencial).

Goffman (1922 – 1982), sociólogo canadense e ex-presidente da American Sociological Association, apresenta uma visão que busca ampliar aquilo o que caracteriza uma narrativa:

Em resumo, falar costuma envolver o relato de um evento – passado, corrente, condicional ou futuro, contendo uma figura humana ou não – e esse relato não precisa ser, mas comumente é, apresentado como algo a ser re-experimentado, a ser saboreado, a ser elaborado, ou qualquer outra ação que o apresentador espera que seu pequeno show induza a audiência a experimentar (Goffman, 1974, p. 506).

Como o trecho de Goffman deixa explicitado com essa metáfora de *teatralidade*, de *performance*, um narrador se dirige a uma *audiência*, com determinadas *intensões* em mente. Além do que é relatado na narrativa a ACN leva em consideração que contar histórias é uma *ação em uma situação social*. Ao nos posicionarmos diante de personagens, eventos e cenários estamos sinalizando quem somos, estamos construindo necessariamente, diante de nossa “plateia”, nossa *identidade*. A este fenômeno o autor Mishler (1999) denomina *performance de identidade*.

Goffman está profundamente interessado no aspecto interacional das narrativas e discursos, por isso, forma alguns conceitos específicos para tais. Muito caro à ACN é o conceito de *linha* (1980) que trata da postura, da posição, das avaliações dos participantes acerca dos objetos de discurso (eventos, pessoas, ações etc). A *linha* de cada participante é declarada por atos verbais ou não verbais (como expressões faciais, linguagem corporal, tom de voz etc), com variados

graus de sutileza. As posições, as *linhas*, tomadas por uma pessoa constroem a impressão que os demais têm dela e ela mesma, tem de si. Esta imagem de *self*¹ é chamada pelo autor de *face* (*ibid*). A *face* é construída de acordo com as interações específicas, os contextos e os participantes em questão. Isto é, uma mesma pessoa se apresenta com uma face diferente e agirá de maneira diferente em um ambiente profissional ou familiar, por exemplo.

Ainda para o sociólogo canadense, durante uma interação, de forma sutil, segundo as *pistas* dadas pelas avaliações e escolhas de construção de cada participante, é estabelecido o *footing* (1998), que é a procura pelo *alinhamento* entre interlocutores. Este é construído, negociado, ratificado ou rejeitado. Ao procurarmos indicações, na fala do outro, sobre suas opiniões acerca do objeto de discurso para responder a elas, estamos procurando nosso *footing*.

Existem vários *frameworks*, isto é, abordagens de análise com diferentes enfoques e embasamentos teóricos e conceituais, que podem ser adotados pelos pesquisadores. Segundo Gale et al. (2013), um *framework* analítico é: “um conjunto de códigos organizados em categorias que foram desenvolvidas em conjunto pelos pesquisadores envolvidos na análise e que pode ser usada para gerenciar e organizar as informações.” (tradução própria). Estes conceitos e interesses vão guiar o olhar analítico do pesquisador e são inexoravelmente subjetivos, seguindo o viés e a sensibilidade do pesquisador.

Não existe, portanto, de forma alguma uma “receita” ou um “passo-a-passo” em como analisar textos, o presente artigo propõe alguns conceitos-chave cuja a atenção por pesquisadores do design pode gerar interpretações e *insights* reveladores.

3 Uma análise crítica

A proposta teórico metodológica apresentada pela ACN também se caracteriza por uma postura crítica, isto é, ativa e explícita por parte do pesquisador. Segundo Van Dijk (1986, p. 4):

Ao invés de focalizar problemas puramente acadêmicos ou teóricos, a ciência crítica toma como ponto de partida problemas sociais vigentes, e assim adota o ponto de vista dos que sofrem mais, e analisa de forma crítica os que estão no poder, os que são responsáveis, e os que dispõem de meios e oportunidades para resolver tais problemas. (VAN DIJK, 1986, p. 4)

Segundo Bastos e Biar (2015), o conhecimento é sempre produzido em campo pelo pesquisador, que é ele próprio um ator social, influenciado por sua vivência e meio, que vê o mundo sob as lentes de suas condições identitárias e *necessariamente* construirá sobre o seu objeto de estudo uma narrativa inexoravelmente permeada por sua ideologia. Por isto é impossível determinar como “correta” uma determinada interpretação. Portanto na ACN é adotada uma perspectiva construcionista, isto é, que acredita que “o mundo social se forma à medida que as pessoas o discutem, o escrevem e o contestam” (*ibid*, p. 102) se afiliando explicitamente desta forma a um compromisso ético, de interpretações não “corretas” mas, interpretações válidas:

¹ Diferentemente da compreensão da área da psicologia, aqui *self* entendido como uma parte de uma apresentação social.

As interpretações válidas são aquelas que se comprometem com a desconstrução de práticas sociais injustas e com a transformação destas (a partir de uma visão aplicada de ciência), em oposição radical ao desengajamento das epistemologias de demandas puramente cognitivas (Schwandt 2006 *apud* BASTOS, BIAR, 2015).

Para fazer valer a consciência de que influência ideológica é inexorável, informa-se que pesquisa para este artigo foi realizada no contexto maior de produção de uma Tese de doutorado pela primeira autora. Nesta pesquisa mais ampla, entre outros objetivos, procura-se conhecer e descrever a experiência de trabalho de designers editoriais brasileiros. Como um de seus objetivos, sua autora se posiciona a favor de uma procura por um lugar de potência e reconhecimento desses profissionais.

4 Demonstração da aplicação da ACN em uma narrativa produzida por um designer editorial

Tendo em vista estes conceitos, o trabalho presente se volta para sua aplicação prática. Como já foi explicitado, as narrativas escolhidas para análise podem emergir de diversos contextos e meios. Seguindo o desenho da pesquisa proposto, como um sintético exemplo de aplicação teórica e metodológica proposta pela ACN o artigo a partir deste momento se volta para a análise um depoimento espontâneo e público dado por um designer e capista cujo nome será mantido em sigilo por questões éticas, sobre o falecimento de João Baptista da Costa Aguiar (1948 - 2017), profícuo capista e designer editorial.

A narrativa analisada foi colhida na plataforma social virtual, *Facebook*, em um grupo de discussão, divulgação de procura e oferta de oportunidades de trabalho, chamado “Mercado EDITORIAL - Negócios e Oportunidades”. Neste grupo é comum o relato *espontâneo* de profissionais sobre suas trajetórias (seja por um viés positivo focado em autopromoção, seja em uma perspectiva mais negativa contando dificuldades passadas no meio) e o compartilhamento de notícias consideradas relevantes ao grupo. Segue a narrativa analisada:

Morreu João Batista da Costa Aguiar. Apenas 68 anos.

Nós designers o conhecemos por sua história na criação de capas de livros. Uma de nossas lendas desta área editorial.

Vocês, do Grupo Mercado Editorial o conhecem por vê-lo postando aqui, mais de uma vez, atrás de serviço, atrás de trabalho.

Serviços que não vieram. Trabalhos que não aconteceram.

Talvez por causa de uma geração de editores que não conhece o verdadeiro valor do design editorial para o sucesso de uma publicação.

Talvez porque uma geração de editores o achassem muito caro, muito inflexível por lutar pela melhor capa, pelo melhor projeto... ou talvez, apenas rabugento demais.

Na Folha, mostrando esta ignorância sobre design, o chamaram de “ilustrador” em seu obituário.

Hoje choverão homenagens.

Mas a única homenagem que ele queria era ter seu trabalho valorizado e contratado novamente.

Sentir-se ativo... e criativo.

Vai em paz, João. Nós, designers editoriais, vamos lembrar de você com a importância que você merece.²

Figura 2 – Capa do livro *Indignação* (ROTH, 2009) Fonte: Companhia das Letras



Nesta pequena narrativa podemos apontar alguns elementos do modelo canônico de narrativa laboviano. Identificamos um *sumário*, isto é, uma introdução ao assunto: “Morreu João Batista da Costa Aguiar”. Os elementos de *orientação*, aqueles que identificam os personagens, o tempo, o cenário para a contextualização e compreensão por parte do interlocutor, identificados neste discurso são: “João Batista da Costa Aguiar”, “68 anos”, “desta área editorial”, “o conhecem por vê-lo postando aqui, mais de uma vez, atrás de serviço, atrás de trabalho”. A *ação complicadora*, que leva a história ao seu ápice e é o elemento fundamental para a identificação deste texto como uma narrativa pode ser reconhecida em: “Serviços que não vieram. Trabalhos que não aconteceram.”, “uma geração de editores que não conhece o verdadeiro valor do design”, “uma geração de editores que o achasse muito caro”, “mostrando esta ignorância sobre design, o chamaram de ‘ilustrador’”. Finalmente, o *coda*, a declaração que retoma o tempo presente de forma a avaliar os efeitos da história, pode ser observada em: “Hoje choverão homenagens”, “Vai em paz”, “vamos lembrar de você com a importância que você merece”.

² Depoimento colhido em *post* de rede social em 17 de abril de 2017

É especialmente reveladora a acentuada presença de *avaliações*: “Apenas 68 anos”, “uma de nossas lendas”, “uma geração de editores que não conhece o verdadeiro valor do design editorial para uma publicação”, “lutar pela melhor capa, pelo melhor projeto”, “rabugento demais”, “esta ignorância sobre o design” “a única homenagem que ele queria era ter seu trabalho valorizado e contratado novamente”, “a importância que você merece”.

Podemos discutir que o critério laboviano de *resultado*, isto é, o desfecho desta narrativa existe, embora não se encontre escrito: o arrependimento, o constrangimento, e a valorização *tardia* do trabalho do designer, que ficam apenas subentendidos no contraste entre as *ações complicadoras* (dos trabalhos que não vieram e do desconhecimento por parte dos editores e da mídia) e o *coda* (de valorização em homenagens e lembranças por parte de seus colegas de profissão).

Uma peculiaridade encontrada nesta narrativa deve-se a sua mídia. Por se tratar de uma rede social atualizada em tempo real, que necessariamente já coloca dia e hora em cada publicação, pode-se dizer que a própria data de publicação do post também é um elemento de *orientação*.

A *performance de identidade* do autor do *post* é fortemente marcada. Ele faz uso repetido e enfático de vocativos e da primeira pessoa do plural para se referir àqueles partilham da sua identidade profissional de designer: “Nós designers o conhecemos”, “Nós, designers editoriais vamos lembrar de você”, literalmente convocando para seu lado, para a identificação e *alinhamento* do discurso e de *footing*, aqueles que se identificam como designers. Em “Vocês, do Grupo Mercado Editorial” ele também estabelece, pelo uso do pronome e do aposto, seu público a quem ele quer falar, emocionar e convencer.

Pelo uso da terceira pessoa, ele estabelece *os outros*, os personagens antagonistas desta pequena narrativa, “uma geração de editores que não conhece o verdadeiro valor do design”, “editores que o achassem muito caro”, “Na Folha (...) o chamaram de ‘ilustrador’”. O uso da terceira pessoa do plural pode ser considerado uma *estratégia de preservação da face* do autor, que usa o sujeito indeterminado para caracterizar *alguns* “editores de uma geração”, mas não os apontar especificamente nem dizer que são todos, evitando desta maneira um conflito direto ou, ainda, a possível perda de trabalhos, uma vez que na cadeia hierárquica de uma editora o designer é subordinado ao editor.

Ao fim, ele também chega a se dirigir ao designer homenageado “Vai em paz, João”, aumentando a carga de dramaticidade e emoção de sua mensagem.

Não podemos deixar de apontar que esta foi uma narrativa elaborada por uma pessoa em de luto. Traços destas emoções podem ser vistos em pequenos desvios da norma culta que são cometidos em alguns momentos, apesar do texto como um todo estar na linguagem padrão: a falta de vírgula em alguns vocativos, a perda de concordância entre sujeito e verbo em algumas orações. A construção do texto em frases curtas sugere uma produção feita no calor do momento, uma homenagem indignada.

Por fim, é relevante comentar o elemento paratextual da imagem escolhida pelo autor para acompanhar seu texto. Se trata da capa do livro, “Indignação”, de Philip Roth, editado pela

Companhia das Letras (2009). Se trata de um trabalho do próprio homenageado do texto. O título com grande destaque valoriza a palavra “indignação”, o fundo vermelho com formas que sugerem explosões em primeiro plano denotam agressividade e tensão. Esta escolha específica de imagem, dentre todas as capas produzidas pelo homenageado, é proposital e tem o objetivo de reforçar a mensagem passional de seu autor.

Podemos concluir por esta sintética análise que, ao contar o relato sobre a morte e a trajetória de um designer editorial específico, seu colega de profissão constrói um discurso sobre o estado de desconhecimento e desvalorização da profissão de designer no meio editorial. Esta mensagem colabora com o discurso recorrente da classe, muitas vezes feito de maneira informal, mas reconhecido até mesmo pelo meio acadêmico (Cardoso, 2014)³. Como já foi explicitado anteriormente neste artigo, nosso *framework*, isto abordagens de análise tem um enfoque e embasamento teórico e conceitual, que privilegia as lentes da interação entre identidades profissionais e que é formado pelo meio acadêmico de design, então nossa interpretação não é de maneira alguma isenta ou a única possível.

5 Considerações

Em seu trajeto, este artigo procurou estabelecer as afinidades entre a pesquisa qualitativa em design e a ACN. Apresentamos a ACN como um arcabouço de conceitos e metodologias que podem auxiliar pesquisadores de diversas áreas a compreender e captar, pelo micro e individual, percepções e posições ideológicas do contexto macro social. Buscamos apresentar e explicar os principais conceitos da ACN, apontando para possíveis futuros pesquisadores que utilizarão esta abordagem teórico-metodológica, bases fundamentais e referências para maiores informações, sem a pretensão de esgotar ou aprofundar em demasia o assunto.

Apresentamos uma sucinta exemplificação prática de análise segundo a ACN dos conceitos e técnicas abordados em uma narrativa produzida por um designer editorial em uma rede social na ocasião do falecimento de um colega de profissão, com foco na *performance de identidade profissional*. Nesta análise, observamos pela maneira de construção de texto, caracterização de personagens e eventos, que existe na fala do narrador um entendimento de que o design editorial é uma profissão mal compreendida e pouco valorizada pela mídia e pelos editores. Um possível desdobramento para esta pesquisa é a aplicação da ACN em outras narrativas de designers (editoriais ou não) sobre trajetórias profissionais para uma descrição do campo e reflexão sobre o mercado de trabalho de design.

Outra possível aplicação reside no interesse em comum da ACN e do design no *outro*, seja ele o “usuário” em Design ou o “narrador” em ACN. Como vimos ao longo do artigo, esta última se caracteriza primariamente pela atenção à linguagem enquanto fenômeno social: a como os indivíduos se sentem, se veem, se posicionam e como todas estas questões se manifestam por

³ Em seu livro *Design para um mundo complexo*, 2011, Cardoso aponta “algumas faculdades continuam a preparar o aluno para empregos que não existem ou atividades que ninguém quer contratar” (p. 249) e “os profissionais do design foram obrigados, historicamente, a se definir por oposições e aproximações” (p. 231).

meio relatos (WODAK, 2004). Essa mesma atenção é, também, necessária ao designer que se propõe a tarefa de projetar para/com clientes e usuários reais, levando como parte essencial do projeto suas questões, *inputs*, *feedbacks* e demais contribuições. Um designer, mesmo que fora do contexto acadêmico, que estude ACN pode aproveitar os conhecimentos adquiridos para melhor realizar seu trabalho *com* os indivíduos e a sociedade.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Agradeço ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Referências bibliográficas

- BASTOS, Liliana Cabral. 2008. Diante do sofrimento do outro – narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho. *Calidoscópio*. 6/2:76-85.
- BASTOS, Liliana Cabral; DE ANDRADE BIAR, Liana. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*. ISSN 1678-460X, v. 31, n. 4, 2015.
- CARDOSO, Rafael. Design para um mundo complexo. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- COUTO, Rita Maria de Souza; NEVES, Maria Aparecida Mamede. Movimento interdisciplinar de designers brasileiros em busca de educação avançada. Rio de Janeiro, 1997. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- FARBIARZ, J. NOVAES, L. Apostando no “e” ou estabelecendo pontes entre design e estudos da linguagem. In.: COUTO, R. (Org.) *Formas do Design: Por uma metodologia interdisciplinar*. Rio de Janeiro: Rio Books. 2014
- FARBIAZ, Jackeline Lima; FARBIAZ, Alexandre; COELHO, Luiz Antônio (org.). *Os lugares do design na leitura*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Novas Ideias, 2008.
- FINDELI, Alain. Ethics, Aesthetics, and Design. *Educational Issues*. 1994. Disponível em < <http://www.jstor.org/discover/10.2307/1511628?uid=2134&uid=382150291&uid=2&uid=70&uid=3&uid=382150281&uid=60&-sid=21104127030141> > Acesso em 26 de outubro de 2014.
- GALE, Nikola K. et al. Using the framework method for the analysis of qualitative data in multi-disciplinary health research. *BMC Medical Research Methodology*, Londres, v. 13, n. 117, 2013. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3848812/> acesso em 02 junho 2018.
- GODOY, A. Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo: v. 35, n. 2. 1995
- GOFFMAN, E. 1974. *Frame Analysis*. New York: Harper & Row.

- GOFFMAN, E. Footing. In: Ribeiro, B. T. & Garcez, P. M. Sociolinguística interacional. Porto alegre: Age, 1998.
- GOFFMAN, Erving. A Elaboração da Face - Uma análise dos elementos rituais da interação social. In.: FIGUEIRA, S. (Org.). Psicanálise e Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p. 76-114.
- LABOV, William. 1972. Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- MISHLER, E. 1999. Storylines: craftartists' narratives of identity. Cambridge: Harvard University Press.
- MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 48, n. spe2, p. 184-189, 2014. (WODAK, 2004, p. 229-230).
- ROTHER, E. Revisão sistemática X revisão narrativa. Acta paul. enferm. [online]. 2007, vol.20, n.2, pp.v-vi. ISSN 0103-2100. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001> Acesso em 24 mai 2018.
- VAN DIJK, T. Text and context: explorations in the semantics and pragmatics of discourse. London: Longman, 1977.
- Wodak, Ruth Emily (2017) "Whose Story?": Narratives of persecution, flight, and survival told by children of Austrian Holocaust survivors. In: Diversity and super-diversity : sociocultural linguistic perspectives. Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics . Georgetown University Press, Washington, DC, pp. 17-36. ISBN 9781626164222

Sobre os autores

Bruna S. Saddy, Mestre, PUC-Rio, Brasil <brunasaddy.design@gmail.com>

Jackeline L. Farbiarz, Doutora, PUC-Rio, Brasil <jackeline@puc-rio.br>

Ricardo Artur P. Carvalho, Doutor, ESDI, Brasil <rartur@esdi.uerj.br>